



# Caxias e o imaginário nacional

*L. P. Macedo Carvalho*

*Há cem maneiras de se escrever história.*

Guizot

O pensamento crítico sempre marcou os trabalhos intelectuais em função da inteligência e da tendência do autor. Todos os grandes escritores, em todas as épocas e em toda parte, o têm aplicado. Com Tucídides nasceu a crítica histórica e a preocupação com a investigação das causas. As obras mais notáveis são acentuadamente críticas. A crítica é eterna, fácil e normal. Incide, particularmente, sobre os episódios controversos e sobre a ação dos responsáveis pelos acontecimentos. A crítica traduz opinião e sentimento. Não basta criticar. Faz-se mister possuir agudeza de espírito para analisar pontos discutíveis e, sobretudo, o respaldo de conhecimentos sólidos. A crítica, antes de mais nada, deve ser construtiva e pressupõe compromisso com a verdade.

Já dizia Dionísio Cerqueira, o maior cronista brasileiro da Guerra da Tríplice Aliança: “É fácil a quem não tem o peso da responsabilidade criticar as manobras dos generais. Devemos sempre receber

precavidos essas censuras que, as mais das vezes, não representam senão a dicacidade e o gênio maledicente de seus autores.” (*Reminiscências da Campanha do Paraguai*, Paris, França, ed. 1910)

Não é a crítica que aponta como e onde o agente dos fatos históricos poderia ter-se saído melhor. A verdade pertence ao homem na arena, cuja face mostra-se desfigurada por um misto de sangue, suor e poeira; àquele que sente o desafio da ocasião e a inferioridade ou superioridade de condições na lide guerreira; ao que experimenta desmedidos arroubos, conhece a devoção a nobres causas e vive, ao final, o triunfo das mais altas realizações, ocupando permanente e proeminente lugar entre os abatidos e hesitantes, desconhecedores do calor da vitória ou da frieza da derrota. A guerra, segundo conhecido militar francês, é uma sucessão de erros, e vence o que erra menos.

Todos os mortais são, fatalmente, criticados. Os grandes capitães foram alvos de múltiplas e va-

riadas críticas – Alexandre, Aníbal e César; Napoleão, Wellington e Moltke, até hoje, têm seus atos discutidos. Até mesmo o decantado Homero não passou incólume. MacArthur, Mark Clark, Montgomery e Patton, a despeito de seus feitos, são figuras controversas. Os três mais admirados generais dos exércitos alemão, inglês e norte-americano, na Segunda Guerra Mundial – Rundstedt, Alexander e Eisenhower – são chamados de anti-generais pelo historiador militar da atualidade John Keegan.

Por outro lado, os homens ressentidos, quando o acaso lhes enseja oportunidades, como tantas vezes acontece na vida, afiguram-se temíveis por acumularem amarguras que envenenam suas almas e manifestam-se criminosamente, descreditando-os na posteridade.

Para se aquilatar o valor das críticas formuladas e improcedentes a Caxias – de *corrupto, covarde e incompetente* – é indispensável conhecer melhor o perfil de quem as faz e levar em conta os desvarios do Partido Liberal e dos positivistas, na época, contra a Monarquia e a sociedade e, por conseguinte, as suas reações à Guerra da Tríplice Aliança e ao Exército que tinha por “verdadeiro ícone conservador” a figura do Marquês, cujos prestígio e dignidade os incomodavam.

Ainda que os heróis nacionais não se encontrem acima do bem e do mal, que sejam passíveis de acertar e errar, de tomar atitudes justas ou injustas, as críticas dirigidas a Caxias são facilmente contestadas pelos fatos históricos e depoimentos de notáveis autores nacionais e estrangeiros, afora o conceito de que desfrutava entre os seus inimigos do passado – o povo paraguaio.

A pecha de incompetente é simplesmente rebatida pela vitória alcançada sobre Solano López e o respeito dispensado a ele pelos subordinados, conforme o memorialista Dionísio Cerqueira (que iniciou a guerra como soldado, em 1865, e a terminou

oficial, em 1870) declara: “Quando passava no seu uniforme de marechal-de-exército, ereto e elegante apesar da idade, todos nós perfilávamo-nos reverentes e cheios de fé. Não era somente respeito devido à sua alta posição hierárquica; havia mais a veneração religiosa e a admiração sem limites. Poderia fazer dos seus soldados o que quisesse – desde um herói até um mártir. Por isso, quando ele passou pela frente do Dezesseis em Itororó, com as faces incendidas e a espada curva desembainhada, foi preciso o comandante mandar ‘firme’ para que não o seguissemos todos.” (op. cit., p. 241) Sir Richard F. Burton, em *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* (Londres, 1870), equipara Caxias a um “Wellington da América do Sul” por haver se revelado um excelente organizador, afirmando: “Antes de ter assumido o comando, o Exército brasileiro estava nas piores condições possíveis; hoje, pode ser comparado favoravelmente, no que concerne aos recursos modernos, aos mais civilizados.” Acrescente-se a tudo isso que jamais sofreu uma derrota.

A acusação de covarde fica sem argumento quando o sexagenário general atira-se à frente de seu exército para transpor a ponte de Itororó e pronuncia a célebre frase “Sigam-me os que forem brasileiros”, em meio à confusão de soldados de outras nacionalidades – episódio este até hoje recordado no Paraguai. Dionísio Cerqueira, na obra anteriormente citada, acrescenta: “o velho general-chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos, estava realmente belo. Perfilamos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós. Apertávamos o punho das espadas e ouvia-se um murmúrio de bravos ao grande marechal. O batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura que abaixou a espada em ligeira saudação a seus soldados (...). Dali a pouco, *o maior dos nossos generais* [o grifo é nosso] arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos bata-

lhões galvanizados pela irradiação da sua glória. Houve quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante.” (op. cit., p. 272)

Em Avaí, ferido Osório, Caxias desembainha a espada e restabelece a impulsão do ataque. Dionísio Cerqueira conta: “O Marquês comandava em pessoa a bela batalha [Avaí].” (op. cit., p. 277)

Em Lomas Valentinas, Caxias lidera o assalto às posições inimigas, no centro, e assiste pessoalmente o desenrolar da batalha. O depoimento de Dionísio Cerqueira a respeito desse episódio começa assim: “O Dezesseis ia garboso, por lhe ter cabido a honra de iniciar o assalto. Logo adiante, passa pelo Marquês (...)”. Burton, à página 323 de seu livro, registra: “Ultimamente lançaram-se dúvidas sobre sua coragem pessoal [Caxias], mas estas, creio, não passaram de invencionices hostis”. Caxias ainda notabilizou-se pela bravura em combate desde as lutas da Independência na Bahia e pela frase que norteou sempre a sua conduta em operações: “Fui ver; não mandei outros verem.” (Caxias, é bom lembrar, segundo verbete do Aurélio, é sinônimo de “pessoa extremamente escrupulosa no cumprimento de suas obrigações”).

Desbaratadas as forças inimigas, declara a guerra terminada e cumprido o seu dever. Recusa-se a perseguir López e resolve deixar o elevado cargo que exerce – inexplicável mistério que desafia os historiadores até hoje. Considerado, por alguns, ato passível de corte marcial, por outros, de reação natural a intrigas e pressões políticas da Corte, há ainda quem argumente ser clara demonstração de grandeza. Repetidas vezes afirmara não fazer a guerra contra o povo guarani, não desejando impor maiores sofrimentos ao já exaurido adversário. Assim, preferiu abrir mão das fugazes glórias da vitória final.

As insinuações de corrupto com base em um despacho de Caxias ao Imperador, transcrito por

Chiavenatto em *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai* (p.154), nada provam quanto à improbidade do Marquês. É de conhecimento público o resultado do depoimento de Caxias perante o Senado em consequência da torpe denúncia de haver trazido do teatro de operações animais de seu uso. Ao findar seus dias, o testamento singelo contrasta com o esplendor de sua carreira.

O revisionismo histórico, deflagrado na década de 1960 pela conjuntura político-ideológica decorrente da Guerra Fria, buscava a destruição dos heróis nacionais para atingir a imagem dos militares. Desarmados os espíritos, passados esses tempos difíceis, e esclarecidos diversos aspectos questionáveis por pesquisas históricas sérias, não há mais lugar para gratuito exercício de revisionismo. Em tempos de globalização, identidade nacional e valores, sem patriotada, afiguram-se prioritários.

Caxias não cresce ou diminui meramente diante da força de seus críticos ou de seus apologetas. Seu extraordinário desempenho no comando das forças aliadas na Guerra da Tríplice Aliança, somado à reconhecida atuação equilibrada nos históricos episódios de integração e pacificação do Império, é suficiente para o reconhecimento de sua figura mítica como Patrono do Exército, figura esta impossível, por isso, de ser utilizada nas tentativas de destruição de símbolos e valores do imaginário nacional.

**L. P. Macedo Carvalho** – Coronel de Artilharia e Estado-Maior, é natural do Rio de Janeiro.

Iniciou sua carreira militar na Academia Militar das Agulhas Negras, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial em 1954. Coursou a ECEME, a ESG, além de cursos na Inglaterra como oficial de Estado-Maior: Staff College e Royal Army Educational Center.

É bacharel em Ciências Políticas e Econômicas pela Faculdade Cândido Mendes. Atualmente é Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e Conselheiro da Fundação Cultural Exército Brasileiro.